

As Formas Elementares de Vida Religiosa.

Autor: Émile Durkheim.

Os estudos sobre a religião representam uma fase madura do pensamento durkheimiano.

Em “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, Durkheim procede a uma reorientação do seu pensamento e de revisão de todas as suas pesquisas e investigações anteriores. O estudo dos fenômenos religiosos torna-se objeto central da análise durkheimiana, e é nesse momento que podemos perceber uma reorientação em seu método. Ele visava privilegiar dentro do estudo das religiões a pesquisa dos povos primitivos e, dentro deste quadro, o fenômeno religioso em seu substrato mais “puro”, ou melhor, menos influenciado pelo devir humano através da história.

Durkheim vê o fenômeno religioso como um primado da consciência coletiva, em detrimento dos seus aspectos morais e materiais. O que significa que o fato moral para Durkheim, a solidariedade entre os indivíduos, deriva (enquanto efeito) da própria estrutura da sociedade, e que a consciência social está estritamente vinculada a uma série de elementos sociais, isto é, a um substrato material.

À medida em que surgem as sociedades, são produzidas representações que lhes são estruturalmente necessárias, o que significa dizer que a ideologia é constitutiva do processo social; por isso, Durkheim tem atração por entender as comunidades primitivas. Acredita que através dessas comunidades seria possível atingir uma compreensão da produção humana a partir de uma fonte muito próxima da originalidade social. Eles também compõem uma totalidade que articula a diversidade dos diferentes níveis sociais. O caráter Moral, portanto, regulador do consenso nos contrapõe imediatamente à ausência deste traço unificador nas sociedades complexas. A religião dessas sociedades primitivas oferece uma lição exemplar de coesão social.

As Formas Elementares da Vida Religiosa, pois, instiga a pensar não somente os fenômenos religiosos, mas na temática da ideologia em geral. Precisamos situar a perspectiva durkheimiana no âmbito da história da sociologia e da antropologia.

Por mais que esse livro possua certo teor evolucionista a permeá-lo, Durkheim, contudo, rejeita a idéia de progresso Moral da humanidade. A rigor, a evolução dos valores é para ele sem sentido, pois cada sociedade teria um código próprio. O que tornaria irrelevante a comparação entre povos primitivos e povos civilizados.

A ciência também não poderia substituir a religião. Há algo eterno na religião, uma perenidade que se situaria ao lado da força Moral que os universos religiosos possuem.

As Formas, contudo, possui uma série de inconsistências. Não há nenhuma evidência para pensar que o fazer social causa o fenômeno religioso.

Durkheim pretende encontrar o universal, o permanente, fora da acidentalidade das formas históricas. É uma busca da origem da vida social. Ele vê no totemismo o elemento que mais se aproxima da “estrutura” elementar que teria servido de base para entendimento do universo religioso. Quer, Durkheim, encontrar o nascimento do fenômeno religioso e vai encontrar sua causa nas migrações sazonais dos australianos e nos fenômenos de multidão.

O que está em jogo é a apresentação do universo cognitivo na sua articulação com os grupos que o exprimem sejam eles primitivos ou não. As representações de tempo, espaço, morte, etc. ganham solo sociológico e historicidade, por isso o seu interesse também pelas instituições (Igreja) que no interior das quais se manifesta uma consciência coletiva.

É sobre o universo ideológico do fenômeno religioso que constitui cada grupo social que Durkheim se debruça. Sendo assim, quanto mais simples for à religião mais próxima ela estará da origem. Para isso é preciso que se encontre uma sociedade cuja organização seja o mais simples possível, mais simples do que qualquer outra, pois assim, essa estaria livre de elementos religiosos constitutivos das religiões posteriores. É a busca por uma religião que seja antiqüíssima e por isso, mais apta que qualquer outra para fazer compreender a natureza do homem, ou seja, a nos revelar um aspecto essencial e permanente da humanidade.

Frente a esse aspecto essencial e permanente da humanidade, Durkheim coloca os ritos como tradutores das necessidades e dos aspectos da vida, quer sejam individuais, quer sejam sociais. Esses ritos devem estar voltados às religiões primitivas.

“...se nos voltamos para as religiões primitivas não é com a intenção de depreciar a religião em geral; porque essas religiões primitivas não são menos respeitáveis que as outras. Elas respondem às mesmas necessidades, desempenham o mesmo papel, dependem das mesmas causas; portanto, podem perfeitamente servir para manifestar a natureza da vida religiosa e, por conseguinte, para resolver o problema que desejamos tratar...Em primeiro lugar, não podemos chegar a compreender as religiões mais recentes senão

seguindo na história a maneira pela qual se construíram progressivamente. A história, com efeito, é o único método de análise explicativa que a elas se pode aplicar”¹.

O que facilita a compreensão do fenômeno religioso pelo estudo das sociedades “inferiores” é justamente o seu menor desenvolvimento das individualidades, a extensão mais reduzida do grupo, a homogeneidade das circunstâncias exteriores, tudo contribuindo para a redução ao mínimo das diferenças e variações. Através do que Durkheim chama de conformismo do comportamento, todo pensamento do grupo se traduz. Tudo está reduzido ao indispensável, ao essencial, a casos simples. Fatos simples resultam em relações simples entre esses mesmos fatos, sem reflexões eruditas.

“...à medida que progride na história, as causas que o produziram, mesmo permanecendo constantemente ativas, só são percebidas através de vasto sistema de interpretações que as deformam. As mitologias populares e as sutis teologias fizeram a sua parte: superpuseram aos sentimentos primitivos...a distância psicológica entre a causa e o efeito, entre a causa aparente e a causa efetiva, tornou-se para o espírito mais considerável e mais difícil de percorrer...não se trata de encontrar um meio que permita que nos transportemos até ali pelo pensamento...o que queremos é encontrar um meio de discernir as causas, sempre presentes, de que dependem as formas mais essenciais do pensamento e da prática religiosa”².

Durkheim conclui que a religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas, com realidades coletivas. Os ritos são exemplos disso. A religião é um produto do pensamento coletivo. Um quadro abstrato e impessoal que envolve não apenas a nossa existência individual, mas a da humanidade.

O autor propõe um estudo para as noções de gênero, de força, de personalidade, de eficácia. Ele elabora categorias fundamentais que teriam a função de regularizar e organizar. Contudo, essas categorias podem se desfazer e se refazer sem cessar pois, são categorias humanas. A razão divina seria, ao contrário, imutável. Mas ele não tira a importância dos usos das categorias.

¹ DURKEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** Tradução. Pereira Neto; revisão José Joaquim. – São Paulo; Ed.. Paulinas, 1989.

² Idem, 1989.

“...elas (as categorias) exprimem, com efeito, as relações mais gerais que existem entre as coisas; ultrapassando em extensão todas as nossas outras noções, dominam todo o pormenor da nossa vida intelectual”³.

São categorias, a saber: as idéias de tempo, de espaço, de gênero, de causa, de personalidade, a dualidade da nossa vida intelectual, o sobrenatural, divindade, e as duas mais fundamentais: as crenças e os ritos; Profano e Sagrado.

“Uma noção que geralmente é considerada como característica de tudo aquilo que é religioso é a de sobrenatural. Com esse termo entende-se toda ordem de coisas que vai além do alcance do nosso entendimento; o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível. A religião seria, assim, uma espécie de especulação sobre tudo aquilo que escapa à ciência e, mais geralmente, ao pensamento distinto...é mistério que pede explicação; portanto ele as faz consistir essencialmente em uma crença na onipotência de alguma coisa que supera a inteligência. Da mesma forma, Marx Muller via em toda religião um esforço para conceber o inconcebível, para exprimir o inexprimível, uma aspiração ao infinito...de qualquer forma, o que é certo é que ela aparece só muito tardiamente na história das religiões. É totalmente estranha não apenas aos povos que chamamos de primitivos, mas também a todos aqueles que não atingiram certo grau de cultura intelectual”⁴.

A idéia de sobrenatural está ligada as leis que os fenômenos do universo estão ligados entre si de acordo com relações necessárias. Tudo aquilo que transgride essas leis está fora da natureza e da razão é, portanto inexplicável cientificamente.

Para os primitivos isso era apenas surpresa, maravilhamento (Thaúmata, Mirabilia, Miracula), sem, contudo significar uma evasão para um mundo misterioso onde à razão não pode penetrar. Foi a ciência e não a religião, que ensinou aos homens que as coisas são complexas e difíceis de se compreender.

“Assim, a idéia de mistério nada tem de original. Ela não foi dada ao homem, foi o homem que a forjou com suas próprias mãos juntamente com a idéia contrária, É por isso que ela ainda ocupa algum lugar apenas num pequeno número de religiões avançadas. Não se

³ DURKHEIM, op. Cit.

⁴ Idem.

pode, pois fazer dela a característica dos fenômenos religiosos sem excluir da definição a maioria dos fatos a definir⁵.”

O conceito de divindade, o Ser espiritual. Por seres espirituais é preciso entender sujeitos conscientes, dotados de poderes superiores àqueles que o comum dos homens possui. Para se atingir esses seres se fazem necessárias oferendas, sacrifícios, orações, ritos propiciatórios. Nesse ponto, Durkheim faz a ponte entre o Bramanismo, o Jainismo e o Budismo.

“...a religião...é um todo formado de partes: um sistema mais ou menos complexo de mitos, dogmas, ritos, cerimônias. Ora, um todo só pode ser definido em relação às partes que o formam. Portanto, é mais correto do ponto de vista metodológico procurar caracterizar os fenômenos elementares de que é formada toda religião, antes do sistema produzido pela sua união⁶.”

Segundo o autor, os fenômenos religiosos ordenam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados de opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre essas duas classes de fatos há toda a diferença que separa o pensamento do movimento. Os ritos não podem ser definidos e diferenciados das outras práticas humanas, especialmente das práticas morais, senão pela natureza especial do seu objeto.

“Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens representam, em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras profano e sagrado⁷.”

O Profano e o sagrado são a personificação de duas categorias de coisas profundamente separadas. São dois mundos entre os quais não há nada em comum. Essa heterogeneidade é tal que muitas vezes degenera em verdadeiro antagonismo. Só pode pertencer plenamente a um quem abre mão totalmente do outro. É puro ascetismo

⁵ DURKHEIM, op. Cit.

⁶ Idem.

⁷ Ibidem.

místico que pretende extirpar do homem tudo o que nele pode restar de apego ao mundo profano. Os dois gêneros não podem se aproximar e conservar ao mesmo tempo sua natureza própria.

Durkheim propõe então alguns critérios para definir religião:

“Temos, agora, um primeiro critério para definir as crenças religiosas(...) Mas o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras. As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas”⁸.

Para Durkheim, quando certos números de coisas sagradas mantêm entre si relações de coordenação e de subordinação de maneira a formar sistema com certa unidade, que, entretanto, não entra em nenhum outro sistema do mesmo gênero, os conjuntos de crenças e dos ritos correspondentes constituem religião.

“...trata-se de um todo formado de partes distintas e relativamente individualizadas. Cada grupo homogêneo de coisas sagradas ou mesmo dada coisa sagrada de alguma importância constitui um centro de organização à volta do qual gravita um grupo de crenças e de ritos, um culto particular; e não existe religião por mais unitária que possa ser que não reconheça pluralidade de coisas sagradas...também uma religião não se reduz geralmente a culto único, mas consiste em sistema de cultos dotados de certa autonomia. Essa autonomia é, aliás, variável”⁹.

A magia é outro aspecto discutido por Durkheim em seu livro. Para ele a magia também é constituída de crenças e de ritos. Possui seus mitos e dogmas, mesmo que mais rudimentares e de fins técnicos e utilitários, tem seus sacrifícios, suas cerimônias, purificações, orações cantos e danças.

⁸ DURKHEIM, op. Cit.

⁹ Idem.

“Será necessário, pois, dizer que a magia não pode ser distinguida da religião com rigor; que a magia é plena de religião como a religião, de magia, e que é, por conseguinte, impossível separá-las e definir uma sem a outra? Mas o que torna essa tese dificilmente sustentável é a aversão profunda da religião pela magia e, conseqüentemente, a hostilidade da segunda para com a primeira. A magia põe uma espécie de prazer profissional em profanar as coisas santas; nos seus ritos, ela assume posição oposta à das cerimônias religiosas. A religião, por sua vez, embora não tenha condenado e proibido sempre os ritos mágicos, olha-os em geral de modo desfavorável”¹⁰.

A religião tem que cumprir um compromisso coletivo e social, ou seja, é comum a toda uma coletividade que adere práticas, e desenvolve todas as práticas e ritos ligados a ela. São coisas de grupo e constitui sua unidade. A magia é individualista e não existe uma Igreja mágica. Entre o mago e os indivíduos que procuram seus serviços não se formam laços duradouros, nem o mesmo corpo moral. As relações são incidentais e passageiras. O mago não tem necessidade alguma de se unir a um determinado grupo para desenvolver seus trabalhos. A religião está diretamente ligada a noção de comunidade em torno de uma Igreja formando-se assim, uma comunidade moral instituída pela mesma crença, mesma fé, com fiéis e sacerdotes.

Referência bibliográfica: DURKEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** Tradução. Pereira Neto; revisão José Joaquim. – São Paulo; Ed.. Paulinas, 1989.

¹⁰ DURKHEIM,op. Cit.